

Governadores do PMDB esperam mudança no quadro sucessório

por Jorge Luiz de Souza
de Natal

Dois governadores do PMDB, considerados pelos eleitores de seus estados como pessoas decididas e por isso gozam de confortável popularidade para estes tempos de grande rejeição aos governantes, agora estão indecisos. Tasso Jereissatti, do Ceará, e Geraldo Mello, do Rio Grande do Norte, ainda não sabem quem irão apoiar nas eleições presidenciais deste ano. Eles temem sair perdendo no plano regional, em qualquer das alternativas de que dispõem. E sonham com o aparecimento de algum fato novo no atual quadro da sucessão presidencial.

O dilema dos dois governadores é semelhante. Eles entendem que não podem adiar sua decisão para além das próximas duas semanas, sentem que a popularidade de que desfrutam é insuficiente para alterar os resultados da eleição em seus estados, mas as candidaturas que hoje lideram as pesquisas — Fernando Collor de Mello, (PRN) e Leonel Brizola, (PDT) — já estão cercadas pelos seus adversários regionais.

Pelo lado dos aliados, os políticos que cercam esses governadores não querem ser induzidos a apoiar uma candidatura rejeitada pelo eleitorado, mas uma opção individual dos dois governadores, liberando os correligionários para outras candidaturas, significaria o fim de seus projetos políticos — Jereissatti e Mello estão governando com oposição dos segmentos que há várias décadas dividiam o comando político de seus estados.

Mello e Jereissatti não teriam dificuldade de embarcar na candidatura de Mário Covas, do PSDB. Esse é, segundo eles, um candidato que tem um perfil coerente com a política que eles praticam em seus estados, mas falta-lhe uma qualidade fundamental: decolar dos baixos números de preferência manifestados pelo eleitorado nas pesquisas até agora. "Covas está passando para o eleitorado uma imagem de político tradicional, que o povo rejeita. Lula já passou a imagem do antipolítico, mas esbarra na rejeição ideológica. Fernando Collor foi escolhido pela população porque fez o discurso de Lula sem a rejeição ideológica", analisa Mello.

Os dois governadores se



Geraldo Mello

sentem livres dentro de seu próprio partido. Jereissatti não tem compromisso com a chapa registrada pelo PMDB — Ulysses Guimarães e Waldir Pires —, cujas candidaturas combateu até serem aprovadas na convenção feita no final de abril. Mello ainda não se afastou das candidaturas do partido e vai a Brasília nesta semana para se reunir com Ulysses e Waldir. "Desejo ficar com o meu partido, mas não vou ao palanque falar no que não acredito", disse Mello a este jornal.

Segundo ele, o PMDB não tem chance de vitória; "mas se o partido se dispuser a mudar o rumo da campanha posso perder com ele, dignamente". Ele explica que não concorda com uma campanha apoiada nas conquistas da nova Constituição. "Ulysses se diz autor da Constituição. Qual é a vantagem disso? Quem paga juros de 12% ao ano neste país?", pergunta. Ele também quer uma posição do partido quanto às greves. "É preciso definir os limites da autoridade. Democracia não é bagunça", diz.

Preocupado com sua própria ligação com aqueles que o elegeram há trinta meses governador do Rio Grande do Norte e hoje lhe garantem razoável apoio — 70% na soma dos conceitos de regular, bom e ótimo; números semelhantes aos encontrados pelo Ibope com relação a Jereissatti, na última pesquisa feita no Ceará —, Mello encomendou uma pesquisa que juntasse a sua popularidade com a sucessão presidencial, e ficou sabendo que 44% dos eleitores gostariam que o seu governador apoiasse o candidato deles. Rio Grande do Norte, como o resto do País, hoje elegeria Fernando Collor de Mello disparado em primeiro, e Leonel Brizola em modesto segundo lugar.